



A ESCRITA DA MULHER NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POÉTICA DE ANA CRISTINA CÉSAR

Autora: Igara Melo Dantas¹ Orientadora: Tânia Lima²

UFRN/ dantasigara@gmail.com ; UFRN/ tanielimapoesia@yahoo.com.br

RESUMO: Propor questionamentos mais amadurecidos no campo da poesia é entender que a capacidade de compreensão da literatura permite mil novas reformulações. Este trabalho apresenta um panorama resultante dos nossos estudos sobre a poesia de Ana Cristina César, acompanhados das inquietações que surgiram durante o seu desenvolvimento. Sua dificuldade em explicar-se por meio de teorias esquemáticas, dogmáticas, estruturadas demais faz Ana transfigurar-se em rizoma, linha de fuga, reterritorialização. Tentamos verificar como Ana Cristina César e sua poética fragmentada cria um elo investigativo que pode ser revisitado a respeito da escrita da mulher no corpo da linguagem contemporânea. Por fim, investigamos noções e conceitos sobre a pós-modernidade no intuito de encontrar pontos de discussão entre manifestação poética de Ana C. e a crítica pós-estruturalista.

Palavras-chave: Ana Cristina César. Literatura. Poesia. Pós-modernidade.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem PPgEL/UFRN

² Professora Adjunta do Departamento de Letras/ UFRN



**A ESCRITA DA MULHER NA
LITERATURA
CONTEMPORÂNEA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A
POÉTICA DE ANA CRISTINA
CÉSAR**

Igara Melo Dantas

UFRN/dantasigara@gmail.com

RESUMO: Propor questionamentos mais amadurecidos no campo da poesia é entender que a capacidade de compreensão da literatura permite mil novas reformulações. Este trabalho apresenta um panorama resultante dos nossos estudos sobre a poesia de Ana Cristina César, acompanhados das inquietações que surgiram durante o seu desenvolvimento. Sua dificuldade em explicar-se por meio de teorias esquemáticas, dogmáticas, estruturadas demais faz Ana transfigurar-se em rizoma, linha de fuga, reterritorialização. Tentamos verificar como Ana Cristina César e sua poética fragmentada cria um elo investigativo que pode ser revisitado a respeito da escrita da mulher no corpo da linguagem contemporânea. Por fim, investigamos noções e conceitos sobre a pós-modernidade no intuito de encontrar pontos de discussão entre manifestação poética de Ana C. e a crítica pós-estruturalista.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nada, Esta Espuma³

Por afrontamento do desejo

insisto na maldade de escrever

mas não sei se a deusa sobe à
[superfície

ou apenas me castiga com seus uivos.

Da amurada deste barco

quero tanto os seios da sereia.

Este artigo é fruto da experiência de Iniciação Científica no projeto intitulado *A Poética do Corpo em Ana Cristina Cesar*, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Tânia Lima, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e tem o intuito de investigar o corpo a partir da missão da linguagem na poesia de Ana Cristina César.

“Ao produzir literatura, eu não faço rasgos de verdade, eu tenho uma opção pela construção, ou melhor, não consigo

³ Nada, esta espuma. CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. 1^a ed. São Paulo : Companhia das Letras. 2013, p. 27.



transmitir para você uma verdade acerca de minha subjetividade. É uma impossibilidade até⁴”. Ao fazer tal afirmação, Ana Cristina César lança o fundamento principal de sua poesia, desfazendo gêneros literários e se colocando em fragmento diante da palavra escrita num jogo de dizer e não dizer, fazendo uso de uma imagem um pouco menos atravancada, levando o próprio corpo do texto a dar rasantes sobre si e sobre as coisas ali ditas, num propósito de evidenciar as falhas de qualquer comunicação, de esburacar os ‘prováveis sentidos’ de qualquer texto. Ao falarmos de sua obra, caracterizamos sua escrita singular como algo escorregadio, uma tentativa de se articular entre vida (confissão) e literatura (ficção) no desenvolvimento de uma poética do corpo.

O descanso da escrita, da estrutura, da liberdade quanto às regras de gênero. Poderíamos considerar o ser ainda sujeito à codificação e à pressuposição, mesmo que sob a forma de negação de alguma construção normativa ou ainda por ser um projeto literário que desdiz a suposta espontaneidade de uma escrita menos programada enquanto estrutura unitária, a maneira de desdizer característica da geração mimeógrafo.

Ana C. é uma escritora cuja obra se presta a tal reflexão, sobretudo, pela sua evolução estético-literária e seu teor vanguardista. Ela ilustra, com efeito, essa liberdade afirmada entre o ato de escrever e a palavra numa aparente atitude de desconstrução da unidade textual e fragmentação do discurso. O sujeito de sua poesia, portanto, se mostra por fendas, em direção ao outro, em que se altera para o encontro com a alteridade, de si com o outro. O que podemos ver então são cenas. O sujeito não pode ser lido como lugar de identidade, pois se mostra sempre num sentido processual.

Assim, por meio da investigação da linguagem e das imagens em que o texto poético se desdobra, analisamos como o tom confessional da escrita de Ana Cristina César se fragmenta em meio à ficção que o próprio ato da escrita literária pressupõe. Desdizendo, com isso, a falsa ideia de que é possível sugerir a intenção do autor com base em sua criação, visto que, em Ana C. o poema não quer dizer ou ensinar nada. Nada se identifica, tudo é mantido em estado de tensão. Em estado de dúvida, de hesitação, de fluxo.

⁴ CESAR, A. C. *Crítica e Tradução*. 1999, p. 273.



OBJETIVOS

Durante a pesquisa desenvolvida selecionamos os poemas de Ana C., fizemos leituras críticas e interpretativas em conformidade com os estudos culturais e seus diálogos com literatura, antropologia e filosofia, com intuito de tentar perceber de que forma se apresenta o corpo na linguagem dos anos 70 e como se ramificam os conceitos estabelecidos envolvendo a ruptura na literatura da cultura machista. Nessa perspectiva, buscamos:

- Compreender os múltiplos sentidos resultantes da metáfora corporal enquanto estética vanguardista;
- Pesquisar o corpo nas fronteiras multiculturais da diversidade;
- Averiguar as noções e os conceitos sobre a linguagem do corpo no mundo pós-moderno;

Os poemas escolhidos como corpus da pesquisa foram selecionados a partir das obras *A teus pés* (1998), *Inéditos e Dispersos* (1998) da autora Ana Cristina César. Durante o

desenvolvimento da pesquisa, partimos para as teorias sobre a escrita fragmentada de Ana Cristina César (característica singular de sua escrita). Tomamos como embasamento teórico os trabalhos de Barthes em *O Prazer do texto* (1987) e Blanchot em *A escrita do desastre* (1980), compreendendo tal escrita, segundo o próprio Blanchot, como oriunda de um cerne impossível de ser dito, mas que tantas astúcias da licença poética conduzem a produzir intermitentemente como evento, um improvável eco do Dizer, a escrita do risco que margeia o real, epifanias do silêncio e do exílio, pensando a constituição da poética de Ana enquanto *inscritura* da linguagem do corpo no mundo da pós-modernidade. Analisamos, portanto, o que está por trás da metáfora corporal como uma estética vanguardista na escrita fragmentada de Ana C., buscando amparo nas teorias de Foucault, Deleuze e Guattari.

DISCUSSÃO E RESULTADOS - UMA MULHER COM UM LIVRO NAS MÃOS

Não escrever – que longo caminho antes de chegar a tal ponto, e isso não é jamais seguro, não é nem uma recompensa nem um castigo, é preciso somente escrever na incerteza e na necessidade. Não escrever, efeito de escritura; como uma marca da passividade, um recurso da desgraça. Quantos esforços para não escrever, para que, escrevendo, eu não escreva, apesar de tudo – e finalmente eu cesse



de escrever no momento último da concessão; não no desespero, mas como o inesperado: o favor do desastre. O desejo não satisfeito e sem satisfação e, entretanto, sem negativo. Nada de negativo em <não escrever>, a intensidade sem maestria, sem soberania, a obsessão do totalmente passivo. (BLANCHOT, 1980. p. 57)

Percebemos nos poemas de Ana Cristina César a construção e desconstrução de ‘eus’ em espaços de tensão, auxiliando no entendimento desse “entre-lugar” em que se encontra a poesia marginal. No espaço da escritura é que Ana C. faz ganhar força uma poesia que se constitui de todos e de nenhum, porque seu poema nunca traz respostas prontas, não tem fórmulas, não tem apegos. Parece sugerir um vértice no qual o dizer se apoia. A força dialogante dos enunciados emaranhados e confluídos, Como ela mesma cita em *Crítica e Tradução*: “enunciado em estado de concreta latência, diálogo entre vários fragmentos ou blocos de sensações” (CÉSAR, 1999. p. 271). Desdizendo, com isso, a falsa ideia de que é possível sugerir a intenção do autor com base em sua criação, visto que, em Ana C. o poema não quer dizer ou ensinar nada. Nada se identifica, tudo é mantido em estado de tensão. Em estado de dúvida, de hesitação, de fluxo.

Não há como compreendê-la se não entrar em seu jogo, portanto, façamos de seu poema intitulado “*Atrás dos olhos das*

meninas sérias” a continuação das nossas reflexões discursivas em torno de sua poesia:

Atrás dos olhos das meninas sérias⁵

Aviso que vou virando um avião. Cigana do horário nobre do adultério. Separatista protestante.

Melindrosa basca com fissura da verdade. Me entenda faz favor: minha franqueza era meu fraco, o primeiro side-car anfíbio nos classificados de aluguel. No flanco do motor vinha um anjo encouraçado, Charlie’s Angel rumando a toda para o Lagos, Seven Year [Itch, mato sem cachorro. Pulo para fora (mas meu salto engancha no pedaço de pedal?), não me afogo mais, não abano o rabo nem rebolo sem gás de decolagem. Não olho para trás. Aviso e profetizo com minha bola de cristais que vê novela de verdade e meu manto azul dourado mais pesado do que o ar. Não olho para trás e sai da frente que essa é uma rasante: garras afiadas, e pinalta.

⁵ Atrás dos olhos das meninas sérias. CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013. p.94.



Multiplicar os focos da narrativa poética e os pontos de vista do outro. Como um quebra cabeças, seu poema começa a mostrar formas e reinventá-las; a construí-las e redimensioná-las de forma incessante. É um adestramento de si pela linguagem literária, na recomposição dos cenários voláteis da existência medíocre de cada sujeito, no fluxo incessante dessa alteridade pulsante de desejo, desse alterar-se em texto que nos convida a muitas fendas. A experiência de fruição das pulsões imagéticas da mulher, que transforma o feito em efeito poético do seu lugar de fala no mundo, o corpo:

Poema óbvio⁶

Não sou idêntica a mim mesmo
sou e não sou ao mesmo tempo, no mesmo
lugar e sob o mesmo ponto de vista
Não sou divina, não tenho causa
Não tenho razão de ser nem finalidade
própria:
Sou a própria lógica circundante

A tentativa de construir e de ousar na escrita, de ir além de si e da palavra, cria novas rotas de abertura de seu corpo e de sua voz feminina dentro do tecido

⁶ Poema óbvio. CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013. p. 172.

textual\literário, rasgando mil e uma possibilidades discursivas. Não quantifica coisa alguma, não se preocupa com normalidade nem fluidez de coisa alguma. Desprovida de tudo e acompanhada do olhar atento que vai sempre reaprendendo seu devir, sua multiplicidade, sua dificuldade em explicar-se. O poder das metáforas se nutre das analogias para recriar os diversos mundos de fora ao conhecer os fascinantes mundos de dentro.

Desse modo, como citado na introdução, estamos cientes de que a escrita do corpo em Ana Cristina César traduz uma revisão do mundo feminino pela ótica metafórica das imagens experimentais, a partir do descanso da escrita, da estrutura, liberdade quanto às regras de gênero.

A crítica ao modelo biografista apresentada por Ana Cristina César em sua dissertação intitulada “*Literatura Não é documento*” influenciou nosso trabalho no sentido de darmos maior enfoque ao poema e com ele e a partir dele criar possibilidades de análise e direciona este tipo de pesquisa, tendo como corpus a própria fala da mulher presente nos poemas marginais dos anos 70.



CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa sobre a escrita do Corpo em Ana Cristina César, pudemos ter ciência da fecundidade do tema e pensar as possibilidades de trabalho que surgiram a partir dele. Distinguimos algumas particularidades da estética marginal - como a desordem intencional da estrutura do poema, o diálogo constante com outros escritores, o gosto pelos jogos de linguagem, o convite sedutor para o caos entretecido da linguagem poética. Observamos também a problematização do signo e da existência elaborada por Ana Cristina César em sua poesia e em sua crítica.

Nossos estudos iniciais sobre a poética de Ana Cristina César foram essenciais para o esclarecimento de algumas vias de alcance da temática do corpo feminino como metáfora escrita no discurso da mulher na literatura. Pudemos observar que a forma com que se articula o poema, a multiplicação dos focos da narrativa poética demonstra outras formas e as reinventa. A escritura passa a ser, portanto, um adestramento de si, na recomposição dos cenários voláteis da existência medíocre de cada sujeito no fluxo incessante do devir-outro. A tentativa de construir novas possibilidades de linguagem poética propõe questionamentos mais amadurecidos sobre a

literatura. A riqueza crítica também favoreceu a necessidade de repensar nosso próprio papel de pesquisadora, promovendo certa cautela e atenção ao discurso que nós mesmas produzimos.

Com o intuito de enriquecer as discussões sobre o tema da pesquisa, pretendemos dar prosseguimento aos estudos considerando que é fundamental que se faça um confronto mais aprofundado da relação entre a escrita fragmentária e *inscritura* do corpo feminino como metáfora na poesia contemporânea. Faria sentido haver um estudo mais significativo destas questões, não somente em Ana Cristina César, mas em outras grandes escritoras contemporâneas igualmente atraídas pelo fragmento. Um estudo que recolhesse afinidades e oposições recorrentes tanto a uma estética do gênero quanto a uma atitude feminina singular em relação à palavra, à sua relação com o mundo e à conseqüente representação da palavra com o texto em novas maneiras.

Em suma, uma tentativa de separar uma pretensa “escrita do desastre”⁷ ou de uma outra que - assim como a de Ana C. - em sua fragmentação, apresenta o sujeito em tentativas de decodificação de si mesmo, por

⁷ Proposição apresentada por Blanchot.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

meio daquilo que se revela e que se esconde ou que se procura e que se subentende.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Paulo. Torquato Neto. *Uma poética de estilhaços*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BROSSA, Joan. *Poesia Vista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

BOSI, Alfredo. Poesia e resistência. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Novas Seletas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Crítica e Tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____. *A teus pés*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2009.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FARIA, Alexandre. *Anos 70 – Poesia & Vida*. Juiz de Fora: UFJF, 2007.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo – história teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LIMA, TANIA. *Uma introdução à poética dos mangues*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2007. 401 pág.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SHOHAT, Ella. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.